

Armando López Castro
María Luzdivina Cuesta Torre
(editores)

**ACTAS DEL XI CONGRESO INTERNACIONAL DE LA
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL**
(Universidad de León, 20 al 24 de septiembre de 2005)

VOLUMEN II



UNIVERSIDAD DE LEÓN
Secretariado de Publicaciones
2007

Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Congreso Internacional (11º. 2005. León)

Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval : (Universidad de León, 20 al 24 de septiembre de 2005) / Armando López Castro, María Luzdivina Cuesta Torre (editores). -- [León] : Universidad de León, Secretariado de Publicaciones, 2007

2 v. : il. ; 24 cm.

Contiene : Vol. I – Vol. II. – Textos en español, portugués y catalán
ISBN 978-84-9773-357-6

1. Literatura medieval-Historia y crítica-Congresos. I. López Castro, Armando. II. Cuesta Torre, María Luzdivina. III. Universidad de León. Secretariado de Publicaciones. III. Título

82.09"04/14"(063)

© **Universidad de León**

Secretariado de Publicaciones

© Los autores

ISBN: 978-84-9773-357-6

Depósito Legal: LE-1443-2007

Impresión: Universidad de León. Servicio de Imprenta

CHRISTINE DE PIZAN EM PORTUGUÊS*

Sara Rodrigues de Sousa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Conhecem-se, hoje, duas traduções portuguesas do *Livre des Trois Vertus*, um dos textos de Christine de Pizan que, nas décadas subsequentes à sua composição, em 1405, deu entrada nas bibliotecas de várias casas senhoriais europeias (cf. Willard 1989: xviii). A primeira, intitulada *O Livro das Tres Vertudes*, encontra-se no manuscrito 11 515 da Biblioteca Nacional de Madrid e teve lugar entre 1447 e 1455. Da outra, impressa em 1518 e que dá pelo nome *O Espelho de Cristina*, estão recensados três testemunhos (guardados em Lisboa, Vila Viçosa e Madrid), que apenas apresentam entre si diferenças resultantes da utilização de doses de tinta desiguais e dos seus distintos percursos e estados de conservação (cf. Crispim 2002: 37 e 48). Apesar de não ter sido ainda possível identificar, entre os vinte e um manuscritos e as três edições francesas do *Livre des Trois Vertus*, as fontes de cada uma destas traduções,¹ Tobias Brandenberger notou já a maior proximidade da primeira face ao original francês (cf. Brandenberger 1998: 425),² de que a segunda se afasta, quer pela adopção de um novo título, quer pelo exercício de abreviação de que aí são objecto o final da segunda e toda a terceira e última parte desta obra,³ constituída por três conjuntos de regras destinadas a garantir às rainhas, princesas e altas senhoras, às outras damas de corte e detentoras de pequenos senhorios rurais e,

* Quero agradecer à Professora Cristina Almeida Ribeiro a disponibilidade e a dedicação com que, tal como noutras ocasiões, acompanhou a minha pesquisa e a redacção deste texto.

¹ Maria de Lourdes Crispim demonstrou já que o ms. 11 515 da Biblioteca Nacional de Madrid e o ms. 427 da Biblioteca Beinecke, da Universidade de Yale (um dos que conservam o *Livre des Trois Vertus*) partilham a particularidade de ter um fragmento do capítulo x da terceira parte deslocado para o capítulo seguinte. Como o manuscrito de Yale pertenceu a Jean V de Créquy, um elemento da corte de Borgonha próximo de D. Isabel, e não foi a fonte do de Madrid (que preenche lacunas que aquele apresenta, de acordo com as lições de outros testemunhos), a autora sugere a possibilidade de ambos terem tido uma fonte comum ou aparentada, hoje perdida ou não identificada, e associa a primeira tradução àquele ducado (Crispim 2002: 53). A segunda, onde a referida deslocação está corrigida, teria tido lugar ou em Portugal ou na Borgonha. Face à aceitação de que o manuscrito de Madrid não é sua fonte próxima, afirma não haver dados para determinar se se trata de uma «tradução autónoma, realizada na fase de preparação da edição, a partir de uma fonte francesa diferente ainda não identificada ou com influência desta», se resulta da refundição da mesma fonte do Manuscrito de Madrid ou de uma cópia irmã (ambos de existência postulada), com o objectivo de corrigir o erro detectado, ou ainda se tem como fonte uma cópia já corrigida, mas também não identificada (cf. Crispim 2002: 65).

² O único original completo conservado é o ms. 1528 da Biblioteca Municipal de Boston, que Charity Willard e Eric Hicks usaram como base da edição crítica apresentada em 1989 e que aqui utilizo (cf. Willard 1989: xix).

³ Tanto Maria de Lourdes Crispim como Tobias Brandenberger mostram aderir à segunda das três hipóteses referidas na nota 1 para explicar esta mudança de estilo e este afastamento. Mas, enquanto a primeira sugere que este exercício de abreviação pode ter ocorrido no contexto da correcção da referida anomalia (Crispim 2002: 35), o segundo considera que o facto de o último capítulo traduzido sem grandes omissões ser o primeiro a ocupar-se das mulheres que vivem fora da corte pode denunciar uma tentativa de adequação do texto de chegada a leitores de estatuto social mais elevado (Brandenberger 1998: 430).

por fim, às burguesas e mulheres do povo,⁴ a entrada na galeria de mulheres virtuosas que Christine de Pizan havia proposto, também em 1405, na *Cité des Dames*.⁵

Num contexto de recepção marcado pela introdução de alterações capazes de afectar o alcance do *Livre des Trois Vertus* (cf. Brandenberger 1998 e 2002), Christine, a figura autoral de primeira pessoa representada nestes e noutros textos de Christine de Pizan, merece especial atenção, tanto mais que a sua recepção não foi uniforme, mesmo em França,⁶ e que a sua representação era, no contexto original, complementada por procedimentos extra-textuais que a enriqueciam. Por um lado, a proximidade cronológica da composição dos textos em que Christine acumulava as funções de autora e de protagonista e a constituição de colectâneas⁷ favoreciam a aproximação das evocações e dos fragmentos autobiográficos neles presentes e potenciavam o reconhecimento de uma autobiografia transtextual.⁸ Por outro, a visibilidade de Christine de Pizan nos meios em que os seus livros circulavam⁹ contribuía para que o leitor a identificasse como sua autora empírica e, assim, completava a construção pseudo-autobiográfica integrante do seu programa de legitimação autoral: esta estratégia, ao obstar ao entendimento definitivo de Christine como figuração de Christine de Pizan ou como ficção,¹⁰ permitia a esta

⁴ Sobre os critérios que presidiram a este modo de organização, ver Lorcin (1995). O desvio que o mesmo determina face ao género didáctico dos *espelhos de princesas/princesas* é estudado por Brandenberger (1998).

⁵ Dessa galeria, constituída sob a direcção de Raison, Droiture e Justice, participam figuras bíblicas, míticas e históricas, que são apresentadas de um ponto de vista valorizante. Uma abordagem da *Cité des Dames* como reescrita de textos de autores como Boccaccio, Petrarca e Stº Agostinho pode ser encontrada em Brown-Grant (1999). Para a recepção reservada às instruções práticas compendiadas no *Livro das Tres Vertudes* e no *Espelho de Cristina* num contexto que, aparentemente, desconhecia o seu fundamento teórico anti-misógino, exposto na *Cité*, ver Brandenberger (1998).

⁶ De facto, nem sempre esta figura é conservada pela tradição manuscrita. Cynthia Brown refere que, dos vinte e quatro manuscritos conhecidos do *Livre des fais d'armes et de chevalerie*, por exemplo, quinze eliminam Christine, a figura autoral de primeira pessoa que nele figurava desde o início. A primeira versão impressa deste texto (que é também o primeiro texto de Christine de Pizan a ser impresso em França e que saiu da oficina de Vêrard), tendo usado um desses manuscritos como fonte, elide também o sujeito enunciativo de primeira pessoa identificado, nas versões compostas sob a supervisão de Christine de Pizan, com Christine e substitui-o, ocasionalmente, por uma voz masculina, além de alterar o seu título para *Art de chevalerie selon Vegece* e de atribuir a sua autoria a esse autor latino. Acrescenta ainda que a coincidência entre a recuperação da imagem da autora levada a cabo por Vêrard e a impressão de textos dirigidos a um público feminino (como o *Livre des Trois Vertus*) pode sinalizar a sua utilização como estratégia para atrair compradores, em particular do sexo feminino (Brown 1998: 215 e 219).

⁷ Foram identificadas já seis colecções autógrafas. À excepção de um fôlio incompleto com a *Cité des Dames* numerada como item 27, Leiden, Bibliotheek der Rijksuniversiteit, Ltk 1819, e do ms. fr. 603 da Bibliothèque Nationale de France, que apenas reproduz o *Livre des Fais d'armes et de chevalerie* e a *Mutacion de Fortune*, todas contêm mais do que um texto com evocações ou fragmentos autobiográficos (cf. Laidlaw 1987 e 2003).

⁸ O *Chemin de longue étude*, a *Mutacion de Fortune*, a *Cité des Dames* e a *Advision Christine* concedem especial enfoque a diferentes personagens ou acontecimentos integrantes do percurso biográfico de Christine (a sua condição de viúva, a sua ascendência, casamento e viuvez, a assunção do combate à misoginia e a sua carreira, respectivamente), sem deixar de os situar num enquadramento narrativo reconhecível como comum aos vários textos e de os reportar à vida de uma personagem reconhecível também como comum, o que autoriza a articulação das informações por eles veiculadas. Daí que a caracterização e o conhecimento de Christine resultem alargados e enriquecidos da leitura de mais do que uma dessas obras, sem que isso comprometa a sua autonomia diegética.

⁹ É já um dado adquirido a visibilidade adquirida por Christine de Pizan no seu meio, intervindo de forma directa na cópia dos seus textos, como copista, correctora ou supervisora (cf. Ouy & Reno 1980), determinando o conteúdo das suas iluminuras (cf. Meiss 1974 e Hindman 1986) e procurando vários patronos (cf. McGrady 1998).

¹⁰ A atribuição a Christine de experiências de vida que evocam as de Christine de Pizan e a partilha, entre ambas, do mesmo nome próprio convidavam ao entendimento de Christine como representação da autora empírica. Por outro lado, a representação alegorizante daqueles que conviviam com Christine, a sua não identificação, o facto de esta ser representada de acordo com os cânones de representação autoral (quando Christine de Pizan ainda não era ainda reconhecida como autora) e de partilhar com a autora empírica apenas o primeiro nome favoreciam o seu entendimento como uma figura ficcional. Da leitura dos textos e do conhecimento de Christine de Pizan como

última representar-se como autora e denegar esse gesto e, portanto, beneficiar da autoridade devida a Christine e impor-se como autora, sem correr os riscos inerentes ao atrevimento de aplicar a si própria um modelo de figuração que, nos primeiros anos de carreira, não tinha legitimidade para utilizar.

A autonomização das traduções portuguesas do *Livre des Trois Vertus* face ao horizonte textual original e à sua autora empírica impõe, portanto, uma avaliação dessa figura autoral, que, aí, possui menor centralidade, como sujeito enunciativo ou como matéria de discurso, do que no *Chemin de Longue Étude*, nos capítulos iniciais da *Mutacion de Fortune* e da *Cité des Dames* e na *Advision Christine*, compostos entre 1402 e 1406. De facto, além da dedicatória,¹¹ só em parte do primeiro capítulo e na totalidade do último Christine é sujeito da enunciação, sendo essa função, nos restantes capítulos, assumida pelas *Trois Vertus*. No primeiro desses momentos, começa por se dirigir de forma respeitosa e elogiosa à dedicatária da obra, Marguerite de Guyenne, que identifica como mulher do herdeiro do trono francês e filha do duque Jean de Bourgogne e que caracteriza pelo recurso a uma adjectivação dupla ou tripla e superlativada e pela enumeração das suas qualidades, em abono das quais evoca ainda testemunhos alheios, que reforçam, por outro lado, a proximidade entre Christine e a corte, que a aproximação por sua iniciativa a essa figura real sugeria já. Apresenta-se, depois, a si e ao seu livro, alternando o recurso a fórmulas de humildade com que caracteriza as suas faculdades e a sua condição com a sugestão de orgulho autoral pela vocação didáctica do seu trabalho e pela amplitude do público por ele abrangido: «toute femme, grande, moyenne et petite» (Pizan 1989: 3).¹²

Apesar de a rubrica que se segue a este passo atribuir a ideia da composição da *Cité des Dames* e do presente livro às *Vertus* e de reduzir o papel da autora textual Christine à resposta a

autora empírica com uma experiência de vida comum à de Christine resulta, portanto, uma indecidibilidade entre o entendimento desta como ficção ou como representação da primeira. A incorporação, nos textos, de elementos históricos que naturalizavam a extensão do movimento de verificação a outros elementos aparentemente passíveis desse tratamento e a representação de situações enunciativas abertas que, nos momentos de entrega dos textos, permitiam associar a interlocutora Christine à autora Christine de Pizan estimulavam a assimilação de ambas, sem, contudo, resolverem textualmente a tensão que, ao mesmo tempo, as separava e unia. Noutros lugares, onde me detinha sobre a operatividade desta tensão na autorização de Christine de Pizan, grafiei a itálico o nome desta figura autoral, como modo sintético de assinalar a sua relação problemática com Christine de Pizan (cf. Sousa 2005 e no prelo). O seu abandono, aqui, não corresponde a uma retractação dessa posição, mas sim à necessidade de, no contexto deste estudo, que incide sobre a figura autoral representada nas traduções portuguesas do *Livre des Trois Vertus*, começar por abordar apenas a sua representação textual, isenta de qualquer carga interpretativa prévia, para, depois, avaliar a possibilidade da sua integração numa construção pseudo-autobiográfica. Sobre a exploração da pseudo-autobiografia por autores do século XIV, como Machaut, Froissart, Juan Ruiz ou Chaucer, ver de Looze (1997).

¹¹ Segundo Lemaire, esta dedicatória é conservada apenas pelos mss. 10973 da Bibliothèque Royale de Bruxelles e fr. 25 294 da Bibliothèque Nationale de France (cf. Lemaire 1995: 422); mas Brown e Dulac assinalam, também, a sua presença no ms. fr. 1177 da Bibliothèque Nationale de France (cf. Brown 1998: 222 e Dulac 1992: 22). Datando o primeiro e o último de cerca de 1450 (Willard 1989: xx e Lemaire 1995: 412) e o segundo da segunda metade do século XV (Willard 1989: xxii) e partindo do princípio de que a mesma integraria o texto oferecido a Marguerite de Guyenne, em 1405, depreende-se que outro ou outros manuscritos, ainda não localizados, a conteriam também. Todos os outros passos do *Livre des Trois Vertus* que análise são comuns, com pequenas variações, a todos os testemunhos contemplados por Willard e por Hicks na sua edição crítica desta obra.

¹² Apesar de, programaticamente, este livro excluir os homens do grupo a que se dirige – «nostre doctrine en ceste presente oeuvre ne s'adrece pas aux hommes» (Pizan 1989: 54) –, estes são, em algumas passagens, contemplados como objecto de observação e de ensinamento, pelo que passam a integrar o «público deseado» deste texto (Brandenberger 2001: 79). Cf. v. g. «quelque estat que ce soit, soient femmes ou hommes, leur semble qu'ilz besoignent le mieulx, et tout ainsi que les berbis suivent l'une l'autre, s'il y a aucun homme ou femme qui voye faire a aultre quelque outrage ou desordonnance en habit ou abillement, tantost les autres le suivent et dient il faut faire comme les aultres. [...] Et ces choses nous disons pour ceulx et celles qui le font en cuidant par celle voye suppediter ou surmonter leurs voisins» (Pizan 1989: 158-9; itálico meu). Um comentário iluminante desta passagem pode ser encontrado em Brandenberger (2001: 87).

uma encomenda dessas entidades – «Le premier chapitre parle comment les vertus par lequel commandement Cristine fist et compila *Le livre de la cité des dames* s'apparurent de rechief a elle et lui commirent a faire ceste presente oeuvre» (Pizan 1989: 7) –, nem o primeiro capítulo nem o último estão isentos da tendência auto-glorificadora que se encontrava na dedicatória. Como sujeito enunciativo e no âmbito da definição do contexto que propiciou o registo dos conselhos das Vertus, Christine refere a sua experiência anterior, recorrendo ao campo semântico da construção, que a tradição associava ao trabalho compositivo (cf. Bourgain 2001), e salienta o cansaço dele decorrente, o que sugere, desde logo, um investimento pessoal que a fadiga alegada na conclusão, após o cumprimento da segunda tarefa, reitera. Mas a valorização das suas capacidades é efectuada também pelas três damas que a procuram, num discurso que, aliando o seu elogio a uma argumentação orientada para a convencer a regressar ao trabalho, denuncia o seu interesse em Christine como colaboradora e secundariza a imposição que, segundo a rubrica, justificaria a sua intervenção naquele projecto. Atendendo, ainda, a que, no primeiro capítulo, lhe são apenas atribuídas as funções de redigir o texto e de o divulgar, a assunção, na conclusão, da sua revisão final confirma o seu já sugerido empenho e redefina, por alargamento, o alcance da sua intervenção na feitura do livro: mais do que mera executante de uma ordem que a limitaria ao desempenho da função de *scriptor* e de agente de divulgação, Christine coopera de forma activa nesses projectos. É responsável pela versão final do texto, pela concepção da estratégia de divulgação por ela definida na conclusão, como o recurso a um verbo deliberativo denuncia – «me pensay que ceste noble oeuvre multiplieroye par le monde en plusieurs copies» (Pizan 1989: 225) – e pela sua concretização, de que a dedicatória aparece como prova.

Conservado, sem variações, nas duas traduções portuguesas do *Livre des Trois Vertus*, o primeiro capítulo encontra-se, porém, em qualquer uma delas, diferentemente enquadrado. Em lugar da dedicatória, ambas apresentam um texto preambular com conteúdos distintos. Se a informação que, na edição de Maria de Lourdes Crispim, figura como primeiro parágrafo do *incipit* da primeira tradução corresponde à rubrica que sumaria o primeiro capítulo, os dados seguintes introduzem uma outra figura feminina, uma rainha, que, contudo, não mantém com Cristina a mesma relação de transitividade que existia entre Christine e a sua dedicatória.

Aqui se começa o *Livro das Tres Vertudes a Insinança das Damas*. O primeiro capitolo devisa as tres Vertudes, per cujo mandamento Cristina fez e compilou o *Livro da Cidade das Damas*. E lhe aparecerom outra vez e lhe mandarom que fezesse esta presente obra.

O qual livro foi tornado de frances em esta nossa linguaem portugues, per mandado da muito excilente e comprida de muitas vertudes Senhora, a Rainha Dona Isabel, molher do muito alto e muito excilente Princepe e Senhor, el Rei Dom Afonso, o quinto de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta (Pizan 2002: 73).

Enquanto a dedicatória de Christine a Marguerite de Guyenne se concentrava na transacção que as unia (em que a primeira era desencadeadora da escrita e da oferta do livro, de que a segunda era beneficiária), no texto preambular do *Livro das Tres Vertudes* Cristina e D. Isabel participam de dois contextos distintos: o da concepção do texto e o da sua tradução de francês para português, respectivamente. A primeira referência à autora textual na tradução portuguesa ocorre, não já num quadro em que esta é sujeito do discurso e do acto de oferecer um livro por ela feito, mas objecto de discurso e da dupla acção de mandar de que as Tres Vertudes são sujeito. Cristina aparece, portanto, no início do texto, como um *sujeito passivo*, como mera executora da acção de fazer e de compilar aquele livro e o da *Cidade das Damas*, que se diz ter obedecido ao mesmo esquema de *inventio*. Além disso, enquanto o largo elogio que Christine dirige a Marguerite de Guyenne cumpre um procedimento habitual naquelas circunstâncias e não esconde o à-vontade da autora naquele meio, a aposição, no discurso de terceira pessoa que

encabeça a primeira tradução portuguesa, de dois adjectivos superlativados e de vários títulos do rei ao nome da rainha, após o de Cristina, despojado de qualquer classificação, promove, pelo contrário, o seu apagamento face à figura de Dona Isabel, ainda sujeito da acção de mandar efectuar um exercício de tradução que contribui para concretizar a tarefa de divulgar *O Livro das Tres Vertudes* pelo mundo, de que Cristina é incumbida no primeiro capítulo da primeira parte.

N' *O Espelho de Cristina*, por seu turno, o texto preambular, presente na folha de rosto, identifica o público alargado a que aquele texto se destina e o seu modo de organização:

Aqui comêça o liuro chamado espelho de Cristina o qual falla de tres estados de molheres. E he partydo em tres partes. A primeyra se endereça aas Raynhas. Prínçesas. Duquesas & grandes senhoras. A segûda aas donzellas em espeçyal aaquellas que andam nas cortes das grandes prínçesas. A terçeyra aas molheres destado & burgesas & molheres de poboo comuû (Pisan 1987).

Contrariando a expectativa de maior protagonismo que o novo título adoptado poderia criar, o nome de Cristina apenas aí figura por integrar o título do texto. Esta só pode ser associada a uma representação autoral na folha seguinte, onde, sob a designação «Prologo», se encontra a informação que constava do primeiro capítulo e da rubrica que o precedia nos outros dois textos.¹³ Sendo embora igualmente experiente e empenhada (em todos eles é referida a sua intervenção na compilação da *Cidade das Damas* e assinalado o seu esforço e diligência), a figura autoral representada nas traduções portuguesas não é já, no início desses textos, sujeito de discurso e de acção, não é já associável, após a leitura do primeiro capítulo, à competência de que a dedicatória podia ser entendida como prova, nem é já a mulher ousada que se dirige a elementos da corte com intenção didáctica, mas sim a beneficiária das suas acções, o que representa uma inversão das relações definidas no *Livre des Trois Vertus*. Disso dá também conta o cólofon que, no final do *Espelho de Cristina*, regista a intervenção da rainha Dona Leonor e a do impressor Herman de Campos, a favor da sua divulgação:

Por mandado dela muyto esclarecida reyna dona lyanor molher do poderoso y muy manifico rey dõ juan segundo de portugal. Acabase el libro intitulado das tres virtudes no qual se cõtem muytas profeytosas doutrinas y saludables exemplos assy pera as generosas y grandes donas como pera as outras de qualquer estado o condiçiom que sejam. E poderam enelle deprender como se ham de regir & gouernar no regimento de suas casas fazendas y honrras. Impresso em ha muy noble y sempre leal cibdade de lixboa por herman de campos. Imprimidor y bombardeyro do rey nosso senhor cõ gracia y priuilegio de su alteza. Anno de nostra saluaçam .m.d.y xvijj. annos.a xx. dias do mes de junio (Pisan 1987: f. xlviij vb).

Apesar de também denunciar a perda da exclusividade no único projecto de que a figura autoral era mentora e executante no *Livre des Trois Vertus*, este cólofon não promove já, como o incipit da primeira tradução, a redistribuição de funções que a sua conclusão concentrava em Cristina. Justaposto ao capítulo onde a entidade autoral anuncia a publicação como estratégia de divulgação e sugere a sua alienação, através do recurso à forma verbal «fará publicar» (Pisan 1987: xlviij r^b), este cólofon limita-se, portanto, a associar nomes a funções necessárias à concretização desse projecto, definido por alguém que, ao transferir a sua execução para outrem,

¹³ A numeração dos capítulos de toda a primeira parte do *Espelho de Cristina* sofre os efeitos decorrentes desta alteração, pelo que, para achar os capítulos equivalentes no *Livre das Tres Vertudes*, deve adicionar-se uma unidade ao número com que aí é identificado.

assume a sua impotência para o pôr em marcha. Embora a idealização da estratégia de divulgação permaneça, nos dois casos, atribuída a Cristina, a sua concretização resulta, pois, nas traduções, da acção de dois tipos de agentes operativos: um agente autorizador, função ausente do texto francês e assumida, respectivamente, pelas Rainhas Dona Isabel e Dona Leonor, e um agente efectivo, cuja função é desempenhada, no texto conservado no manuscrito de Madrid, por um tradutor que permanece anónimo¹⁴ e, no *Espelho de Cristina*, pelo impressor Herman de Campos que, ao nomear-se e face à inexistência textual de quaisquer dados acerca do tradutor, se converte no único elemento de sexo masculino interveniente nos três projectos definidos nesta obra, no que compromete a preservação em português das elites femininas promovidas pelo *Livre des Trois Vertus* e por outros textos de Christine de Pizan e reforça a subversão, registada nas duas traduções, das opções lexicais que participavam da feminização da linguagem empreendida pela autora (cf. Margolis 1992 e 1996-7).¹⁵

Por outro lado, se a interacção entre Christine e uma figura histórica contemporânea do momento de produção do texto naturalizava a sua associação à conhecida Christine de Pizan, com quem partilha o nome próprio, a apresentação do *Livre des Trois Vertus* como resultado de um trabalho conjunto entre aquela que o texto não leva a entender ser outra Christine e um grupo de figuras alegóricas designado *les vertus* suspendia esse movimento, reforçado, logo depois, pela identificação de Christine como colaboradora na redacção da *Cité*, assim gerando uma indecibilidade, própria da construção pseudo-autobiográfica, entre a assimilação de Christine a Christine de Pizan e o seu entendimento como ficção.¹⁶ Já nas duas traduções portuguesas, o facto de a primeira referência a Cristina como autora surgir acompanhada da indicação da sua convivência com entidades alegóricas não reforça o seu entendimento como representação de uma figura histórica que a indicação da sua intervenção na composição de um texto efectivamente existente só pode desencadear se os leitores deste passo souberem que o título *Cidade das Damas* refere uma obra verdadeira, da autoria de Christine de Pizan, o que não é certo no contexto da sua recepção noutro país e várias décadas após a sua morte. Do mesmo modo, a proximidade textual entre o nome de Cristina e o de uma rainha (no início do *Livro das Tres Vertudes* e no fim do *Espelho de Cristina*), sendo marcada, não pela interacção, mas pela sua associação a contextos e a seres ontologicamente distintos, não desencadeia, como na dedicatória analisada, a procura de referentes para essa entidade autoral. O facto de os quatro testemunhos em apreço não conterem vestígios antigos da presença, textual ou paratextual, do

¹⁴ Charity Willard levanta a possibilidade de a tradutora do texto ser D. Filipa, a irmã mais nova da rainha D. Isabel, que passou a maior parte da sua vida no Convento de Odivelas, onde se dedicou à composição e à tradução de obras espirituais, ou por alguém do seu núcleo; sugere ainda a sua participação na transmissão do texto à rainha «D. Leonor, filha do seu primo D. Fernando e mulher do seu sobrinho D. João II» (Willard 1963: 464).

¹⁵ Refiro-me, por exemplo, à redução de pares de nomes ou de pronomes nos dois géneros a um único elemento neutro ou masculino ou à substituição, nesses pares, do elemento feminino por um sinónimo do masculino. Cito apenas quatro exemplos, de entre muitos: «tieulx et tieulx, ou telles et telles» (Pizan 1989: 12) dá lugar a «algũs» (Pizan 2002: 83) e a «algũa pessoa» (Pizan 1987: f. i v^b); «a princes et princepces» (Pizan 1989: 68) é reduzido a «em especial aos princepes» (Pizan 2002: 144) e a «em specyal aos príçepes» (Pizan 1987: f. xiiij v^a); «ceulx et celles tyre a soy et leur guerdonne [...] ne croye n'ajouste foy a flateurs ne a flateresses» (Pizan 1989: 111-112) é traduzido por «aqueles tenha consigo e galardoe [...] nom crea nem dé fé a louvaminheiros nem gabadores» (Pizan 2002: 188) e a «aaquelles tenha consyguo he galardoe [...] nõ crea nẽ de fe a louvaminheyros nẽ guabadores» (Pizan 1987: xxij v^b-xxiiij r^a).

¹⁶ Reconhecendo, embora, como Andrea Tarnowski, que «this mention of another volume reinforce the notion that the text's Christine is Christine de Pizan, [...] it underlines her status as a historical figure, living in the continuum of real time: first she wrote the *Cité des Dames*, and then, 'après', took up her pen again» (Tarnowski 1995: 154), não posso deixar de salientar que essa associação não garante o seu entendimento como autobiográfica, devido à manutenção de condições que minam a opção definitiva por essa leitura (como a sua convivência com figuras alegóricas e o facto de só partilhar o nome próprio com a autora empírica).

apelido toponímico «de Pizan»¹⁷ torna ainda evidente que não foi sempre potenciado o conhecimento, pelo leitor, da autoria do texto,¹⁸ necessário à activação da leitura pseudo-autobiográfica. Face a esta omissão, a possibilidade de as traduções serem objecto deste tipo de leitura, não sendo anulada graças à identificação da personagem com um nome próprio e ao investimento autobiográfico, ainda que muito fraco, de que a sua representação é objecto, fica dependente da eventualidade de a enciclopédia literária ou histórica do leitor emular os efeitos decorrentes da visibilidade de Christine de Pizan nos circuitos de produção e de acolhimento dos seus textos, através do conhecimento do seu nome, como autora empírica, de algumas informações sobre a sua vida,¹⁹ bem como de outros textos seus, que poderiam motivar a associação das duas autoras textuais neles representadas. Mas se a sua sustentabilidade e o seu alcance eram reduzidos no *Livre des Trois Vertus*, devido à fraca representatividade de que Christine aí beneficia, são-no, ainda mais, nas traduções portuguesas que dele se conhecem.

Com efeito, o percurso de vida de Christine e as suas qualidades intelectuais só não são completamente subsumidos no decurso do *Livre des Trois Vertus* pela brevíssima alusão à sua ascendência paterna que tem lugar no quarto capítulo da primeira parte: «[...] ne te souvient il a ce propos que il est escript ou livre de Ecclesiaste, au .x. chapitre, si que tu as ouï dire a ton beau pere, que Dieux a destruit les sieges des ducs orgueilleux, et a fait seoir les debonnairees pour eulx, et sechié les racines des arogans et a planté les humiliéz en leur lieu» (Pizan 1989: 19; itálico meu). Evocado amiúde desde a *Epistre Othea*, o pai de Christine assume forte centralidade no seu discurso de legitimação, ancorada, quer na autoridade intelectual que lhe reconhecia a corte régia, quer nas alegadas afinidades entre ambos e no legado intelectual que ele lhe transmitiu de modo subversivo e parcial, por contrariar as práticas comuns e a *doxa* que a sua mãe representa.²⁰ Só lida à luz de textos produzidos na mesma época, portanto, esta oração

¹⁷ Comprevei directamente a omissão da autoria no exemplar impresso conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa, que se encontra revestido por uma encadernação rudimentar, em pergaminho branco, sem quaisquer inscrições. O exemplar de Vila Viçosa, por seu turno, apresenta essa informação na lombada da encadernação actual, em marroquim vermelho e com as armas de D. Manuel II ao centro; esta é, contudo, da responsabilidade de Sangorski & Sutcliffe (Ruas 2002: 121), uma empresa que assina muitas encadernações e estojos da Biblioteca deste rei português e que só foi criada no início do século XX. Agradeço ao Dr. João Ruas, da Biblioteca do Palácio Ducal, a sua disponibilidade para verificar que, no interior do exemplar do *Espelho de Cristina* aí conservado, é aquela a única fonte informativa acerca da autoria da obra. Quanto ao ms. 11 515 da Biblioteca Nacional de Madrid, de encadernação «antiga, mudéjar, castanha, sobre pastas de madeira» e com «vestígios dos fechos que desapareceram» (Crispim 2002: 45), fui informada pela Professora Maria de Lourdes Crispim, da Universidade Nova de Lisboa, a quem quero agradecer, que, no interior do texto, o nome completo da autora não aparece. Estou também grata a Pilar Hernández, bibliotecária da instituição que conserva esse manuscrito e o outro exemplar da edição do *Espelho de Cristina* (R 11.727), encadernado com capa de carneira castanha com filetes dourados e em cuja lombada pode ler-se apenas «Baros Clarimondo», «*Espelho de Christina*» e «*Lixboa 1518 22*» (Crispim 2002: 50), a confirmação de que nenhum dos dois ostenta, no texto ou no paratexto, o nome completo da sua autora. Sobre as flutuações inerentes à presença e à ausência desta informação em manuscritos e em impressos franceses e ingleses desta e de outras obras de Christine de Pizan na segunda metade do século XV e na primeira do século XVI, ver Brown (1998).

¹⁸ Que, mesmo em França, Christine de Pizan não era necessariamente identificada pelos seus leitores como autora empírica do *Livre des Trois Vertus* pode depreender-se de uma nota em francês médio inscrita no ms. 1180 da Bibliothèque National de France, de final do século XV, que atribui a autoria do texto a «une Dame nommee Christine» (Brown 1998: 219-220).

¹⁹ Cynthia Brown descreve testemunhos deste e doutros texto de Christine de Pizan que, em posição paratextual e em letra manuscrita ou de forma, apresentam informações biográficas sobre a autora (cf. Brown 1998), assim recriando as condições para que a referida tensão se produza.

²⁰ Desde a dedicatória da *Epistre Othea* que Christine se refere aos conhecimentos adquiridos através do seu pai como migalhas (cf. Pizan 1999: 195), mas só na *Mutacion de Fortune* essa limitação é articulada com um preconceito social que a sua mãe aí representa sob a forma alegórica de Nature (Pisan 1959: 195). A distinta posição dos seus progenitores face ao seu interesse pelo estudo é sintetizada na *Cité des Dames* e colocada na boca de Droiture: «Ton père, grand astronome et philosophe, ne pensait pas que les sciences puissent corrompre les femmes;

intercalada em que Christine é sujeito da acção de escutar a palavra do seu pai, valorado positivamente, actualiza um dos tópicos do seu discurso de legitimação e de denúncia do *statu quo* relativamente à educação feminina, pelo que sinaliza as preocupações de Christine com a instrução das mulheres, em geral, e com a sua, em particular. Por outro lado, o facto de o pai de Christine de Pizan, Thomas de Pizan, ter sido uma figura de referência na corte régia que ela frequentava adensa também, sem a resolver (já que à personagem não é atribuído um nome), a tensão entre o entendimento desta informação como autobiográfica ou como ficcional.²¹ Contudo, nenhuma das traduções conserva esta passagem, que, no *Livre des Trois Vertus*, completa o elenco de evocações autobiográficas,²² limitado, em português, à primeira parte do primeiro capítulo. O seu apagamento nega, portanto, a Cristina a complexidade existencial que desencadeara (e legitimara) na vida de Christine o exercício da actividade intelectual; altera, por isso, a relação entre a escrita e a figura autoral representada (Cristina escreve por ordem e indicação de outrem, enquanto Christine escrevia porque acontecimentos adversos lhe permitiram procurar subsistência na exploração de qualidades herdadas e alimentadas

il se réjouissait au contraire – tu le sais bien – de voir tes dispositions pour les lettres. Ce sont les préjugés féminins de ta mère qui t’ont empêchée, dans ta jeunesse, d’approfondir et d’étendre tes connaissances car elle voulait te confiner dans les travaux de l’aiguille qui sont l’occupation coutumière des femmes» (Pizan 2000b: 180).

²¹ Na dedicatória da *Epistre Othea*, o elogio do pai assume, entre a inexperiente e humilde figura autoral de primeira pessoa e os seus dedicatários, uma função de mediação, que autoriza o exercício efectuado e a sua apresentação perante tal audiência (cf. Pizan 1999: 195). A essa referência historicizante, que identifica o nome de Thomas de Pizan, a sua origem, formação, ocupação e reputação na corte, sucede, no *Chemin de longue étude* e na *Mutacion de Fortune*, um modelo de representação conforme à construção pseudo-autobiográfica que, nestas obras de legitimação, afecta Christine, mas que não corresponde ao abandono da perspectiva encomiástica: o seu pai, a quem não é dado um nome, mas cuja identificação com Thomas de Pizan é sugerida, através da coincidência dos seus interesses e do seu mérito, é, no *Chemin*, equiparado aos filósofos da antiguidade (cf. Pizan 2000a: 146-150) e as suas capacidades merecem, na *Mutacion*, um tratamento alegorizante, sendo metaforicamente associadas a pedras preciosas de propriedades terapêuticas e preditivas (cf. Pizan 1959: 13). Neste segundo texto, contudo, a autoridade do pai não é já usada como instrumento directo de legitimação de Christine, mas sim de denúncia da impossibilidade do reconhecimento das suas capacidades quando apresentadas num corpo feminino (cf. Pizan 1959: 20-21). Na *Advision*, composta num período em que Christine de Pizan podia dispensar os rigores desse cauteloso modo de representação, o pai volta a ser nomeado e elogiado, no contexto da mais circunstanciada narrativa autobiográfica de Christine, que não é, ainda, nem do ponto de vista enunciativo nem da representação, alheia à configuração alegórica, sendo Philosophie o seu destinatário imediato e directo e Fortune o motor da acção (cf. Pizan 2001: 96).

²² Não creio ser possível reconhecer, no *Livre des trois vertus*, os dois elementos que, segundo Paul Zumthor, a autobiografia comporta: «un je, et une narration donnée comme non-fictionnelle. Ces éléments sont unis par un lien fonctionnel: le je, en effet, à la fois énonciateur et sujet de l’énoncé, constitue le ‘thème’ dont les actions successives engendrant le récit sont les prédicats» (Zumthor 1975:165). Em primeiro lugar, face à inexistência de protestos de verdade que dêem a narração como «non-fictionnelle», esta é afectada pela mesma relação problemática entre a ficção e o real que Christine, autora textual e enunciativa de primeiro grau. Em segundo lugar, a esta enunciativa acrescentam-se as *Trois Vertus*, enunciativas de segundo grau, cujo discurso é reportado pela autora textual. Por outro lado, nenhum destes dois sujeitos enunciativos do texto acumula a função de objecto. A evocação retrospectiva, no primeiro capítulo, de acontecimentos por ela vividos, insere-se no âmbito da definição das circunstâncias que propiciaram a composição daquele texto, de que ela participa. A referência à sua colaboração na *Cité des Dames*, definindo-a embora como experiente, articula o *Livre des Trois Vertus* com esse outro exercício, de que aparece como complemento prático. Do mesmo modo, a menção à transmissão de conhecimentos pelo seu pai assume uma função fática, actualizando, pela inserção do pronome pessoal «tu» e do determinante possessivo de segunda pessoa «ton», a situação discursiva dialógica que a longa extensão do discurso das três damas poderia subsumir. O «thème» deste livro não é, portanto, um ‘je’, mas o próprio livro, podendo os seus «prédicats» ser identificados com as acções que conduzem à sua feitura (concepção, execução e divulgação), as quais incluem, naturalmente, o seu agente ou agentes executores. Por conseguinte, estes passos, breves, pobres do ponto de vista informativo e isolados, não encontram, no *Livre des Trois Vertus*, um enquadramento narrativo onde possam ser entendidos como predicado de um tema coincidente com a figura de Christine. Mas, ao evocar acontecimentos que, noutros textos, são amplificados e integrados numa sequência narrativa de que esta é, ao mesmo tempo, sujeito e objecto discursivo, alimentam a autobiografia transtextual que o conhecimento desse conjunto de textos permite reconhecer e sugerem a complexidade dessa figura autoral.

subrepcionalmente pelo pai) e faz de Cristina uma personagem plana, a que estas traduções não reconhecem vontades, experiências nem intenções fora do âmbito deste exercício. Mas a diminuição da representatividade biográfica de Cristina assim promovida reduz também os seus pontos de contacto com a figura autoral de outros textos de Christine de Pizan, no que abranda a sustentabilidade da leitura transtextual,²³ bem como os seus pontos de contacto com a autora empírica, no que abranda a sustentabilidade da leitura pseudo-autobiográfica.

Mas, além daquela, não é mantida nas traduções portuguesas outra passagem passível de interferir na caracterização de Christine como autora e na autorização de Christine de Pizan:

Pour ce que l'espistre qui est contenue ou *Livre du Duc des Vrais Amans*, ou il est mis que Sebile de la Tour l'envoia a la duchece, puet servir au propos que ou chapitre cy après ensuit, sera de rechief recordere. Si la puet passer oultre qui veult, se au lire lui anuye ou se autre foiz l'a veue, quoy qu'elle soit bonne et prouffitable a ouïi et notter a toutes haultes dames et autres, a qui ce puet et doit apertener (Pizan 1989: 109).

Uma vez que o *Livre du duc des Vrais amans* foi escrito por Christine de Pizan entre 1403 e 1405²⁴ e possui Christine como autora textual (cf. Brownlee 1996), esta advertência sinaliza uma citação que é uma autocitação e que, na economia da diegese, prova a canonicidade de Christine, citada pelas Virtudes como autoridade. A omissão deste passo, no *Livro das Tres Virtudes* e no *Espelho de Cristina*, ao não garantir a percepção do exercício de citação efectuado e o conhecimento do título do texto citado, não só compromete o seu efeito autorizador sobre os mesmos, como também elimina as pistas que favoreciam o reconhecimento da ironia inerente ao facto de aquelas que elegeram Cristina como sua ajudante a tratarem como autora consagrada. Essa possibilidade fica, por isso, reservada à conjugação de várias condições que só um exímio ou afortunado conhecedor da obra de Christine de Pizan poderia reunir: a identificação do exercício de citação, do texto citado (mas não necessariamente do seu título), a sua autoria e a assimilação desta última a Cristina.

Se o novo contexto de recepção do *Livre des Trois Vertus* não era já, à partida, favorável à activação da autobiografia transtextual e da leitura pseudo-autobiográfica que a representação de Christine admitia, a redução da sua representatividade autoral e biográfica que as traduções portuguesas promovem limita, portanto, ainda mais, essas possibilidades, pois dela decorre a neutralização de importantes fontes de caracterização e de legitimação, sem as quais Cristina é reduzida a uma figura de funcionalidade retórica que, por via da partilha do mesmo género

²³ Naturalmente, essa redução não impede que a atribuição a Christine, noutros textos, de práticas que, no *Livre des Trois Vertus*, são dadas como virtuosas contribua para a sua legitimação. Refiro-me, por exemplo, aos conselhos dirigidos às mulheres viúvas, com quem Christine partilha a condição, como se sabe através do *Chemin de longue étude*, da *Mutacion de Fortune* ou da *Advision Christine*, às várias admoestações a que a mulher que perde o marido tome coração de homem, que ecoam a célebre transexuação de Christine que tem lugar na *Mutacion*, após a morte do marido, e à sugestão de que a mulher viúva estude e aprenda, que é, em todos os textos referidos, seguida por Christine. Como essa possibilidade não é afectada pelo exercício da tradução, mas pelo contexto de leitura (depende, por um lado, do cruzamento de informações contidas na obra aqui em apreço com outras provenientes de textos a que não se sabe se os leitores do *Livro das Tres Virtudes* terão tido acesso, e, por outro, do conhecimento da autoria comum desses textos, que, no que toca à obra aqui em apreço, não foi especialmente estimulado), a sua exploração não cabe neste estudo.

²⁴ Apesar de não restarem muitos testemunhos deste texto, o reconhecimento de Christine de Pizan como autora empírica do *Livre du Duc des Vrais Amans* era, no seu tempo, favorecido pela proximidade cronológica da composição dos dois textos, pela visibilidade de Christine de Pizan no seu meio e pela integração desse texto em duas colectâneas autógrafas: a do duque de Berry e a da rainha Isabeau de Bavière, constituídas, respectivamente, pelos mss. fr. 835, 606, 836, 605 e 607 da Bibliothèque Nationale de France e ms. Harley 4431 da British Library de Londres (cf. Laidlaw 1987).

sexual com o público feminino a quem, em primeira via, se dirige, cria as condições afectivas necessárias à adesão ao modelo de conduta aí propugnado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURGAIN, Pascale (2001), «Les verbes en rapport avec le concept d'auteur», en ZIMMERMANN, Michel (éd.), *Auctor et auctoritas. Invention et conformisme dans l'écriture médiévale*, Paris, École des Chartes, pp. 361-374.
- BRANDENBERGER, Tobias (1998), «Christine de Pizan em Portugal: as traduções do *Livre des Trois Vertus*», en EARLE, Tom F. (ed.), *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas (Oxford, 1 a 8 de Setembro de 1996)*, Oxford/Coimbra, Lidel, pp. 423-433.
- (2001), «Una traducción bajomedieval y su público: notas acerca del *Espelho de Cristina* (Lisboa, 1518)», en ROMERO, Tomás Martínez y Roxana RECIO (eds.), *Essays on Medieval Translation in the Iberian Peninsula*, pp. 75-93.
- (2002), «La réception portugaise de Christine de Pizan: un nouveau contexte», en KENNEDY, Angus J. et alii (eds.), *Contexts and Continuities: Proceedings of the IVth International Colloquium on Christine de Pizan* (Glasgow 21-27 July 2000), Published in Honour of Liliane Dulac, Glasgow, University of Glasgow Press, pp. 129-140.
- BROWN, Cynthia J. (1998), «The Reconstruction of an Author in Print: Christine de Pizan in the Fifteenth and Sixteenth Centuries», en DESMOND, Marilyn (ed.), *Christine de Pizan and the Categories of Difference*, Minneapolis/London, University of Minnesota Press, pp. 215-235.
- BROWN-GRANT, Rosalind (1999), *Christine de Pizan and the Moral Defence of Women: Reading Beyond Gender*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BROWNLEE, Kevin (1996), «Rewriting Romance: Courtly Discourse and Auto-Citation in Christine de Pizan», en CHANCE, Jane (ed.), *Gender and Text in the Later Middle Ages*, Gainesville, University Press of Florida, pp. 172-194.
- CRISPIM, Maria de Lourdes (2002), «Introdução» y «Edição crítica da versão portuguesa», en PIZAN, Christine de, *O Livro das Tres Vertudes a Insinança das Damas*, CRISPIM, Maria de Lourdes (éd.), Lisboa, Editorial Caminho, pp. 15-37 y 39-72.
- DE LOOZE, Laurence (1997), *Pseudo-Autobiography in the Fourteenth Century: Juan Roiz, Guillaume de Machaut, Jean Froissart, and Geoffrey Chaucer*, Gainesville, Tallahassee, Tampa, University Press of Florida.
- DULAC, Liliane (1992), «The Representation and Functions of Feminine Speech in Christine de Pizan's *Livre des Trois Vertus*», en RICHARDS, Earl Jeffrey et alii (eds.), *Reinterpreting Christine de Pizan*, Athens/London, The University of Georgia Press, pp. 13-22.
- HINDMAN, Sandra (1986), *Christine de Pizan's «Epistre Othea»: Painting and Politics at the Court of Charles VI*, Toronto, Pontifical Institute of Mediaeval Studies.
- LAIDLAW, James C. (1987), «Christine de Pizan: A Publisher's Progress», *The Modern Language Review*, 82, pp. 35-75.
- (2003), «Christine and the Manuscript Tradition», en ALTMANN, Barbara y Deborah L. MCGRADY (eds), *Christine de Pizan: a Casebook*, New York/London, Routledge, pp. 231-249.
- LEMAIRE, Jacques (1995), «Manuscrits proches parents ou manuscrits simplement semblables? Réflexions codicologiques et philologiques à propos de deux témoins du *Livre des Trois Vertus* de Christine de Pizan», en DULAC, Liliane y Bernard RIBÉMONT (éds.), *Une Femme de lettres au Moyen Age: études autour de Christine de Pizan*, Orléans, Paradigme, pp. 411-429.
- LORCIN, Marie-Thérèse (1995), «Le *Livre des Trois Vertus* et le *sermo ad status*», en DULAC, Liliane y Bernard RIBÉMONT (éds.), *Une Femme de lettres au Moyen Age: études autour de Christine de Pizan*, Orléans, Paradigme, pp. 139-149.
- MARGOLIS, Nadia (1992), «Elegant Closures: the Use of the Diminutive in Christine de Pizan and Jean de Meun», en RICHARDS, Earl Jeffrey et alii (eds.), *Reinterpreting Christine de Pizan*, Athens/London, The University of Georgia Press, pp. 111-123.
- (1996-97), «Les terminaisons dangereuses: lyrisme, féminisme et humanisme néologiques chez Christine de Pizan», *Le Moyen Français*, 39-40-41, pp. 381-404.

- MCGRADY, Deborah (1998), «What is a Patron? Benefactors and Authorship in Harley 4431, Christine de Pizan's Collected Works», en DESMOND, Marilyn (ed.), *Christine de Pizan and the Categories of Difference*, Minneapolis/London, University of Minnesota Press, pp. 195-214.
- MEISS, Millard (1974), *French Painting in the Time of Jean de Berry: The Limbourgs and Their Contemporaries*, London, Thames and Hudson.
- OUY, Gilbert & Christine M. RENO (1980), «Identification des autographes de Christine de Pizan», *Scriptorium*, 34, pp. 221-238.
- PISAN, Christine de (1987), *O Espelho de Cristina*, edição facsimilada, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- (1959), *Le Livre de la Mutacion de Fortune*, SOLENTE, Suzanne (éd.), vol. I, Paris, Picard.
- PISAN, Christine de (1989), *Le Livre des Trois Vertus*, WILLARD, Charity Cannon y Eric HICKS (éds.) Paris, Honoré Champion.
- (1999), *Epistre Othea*, PARUSSA, Gabriella (éd.), Genève, Droz.
- (2000a), *Le Chemin de Longue Étude*, TARNOWSKI, Andrea (éd.), Paris, Librairie Générale française.
- (2000b), *La Cité des Dames*, HICKS, Éric et Thérèse MOREAU (éds.), Paris, Stock.
- (2001), *Le Livre de l'Advision Cristine*, RENO, Christine y Liliane DULAC (éds.), Paris, Honoré Champion.
- (2002), *O Livro das Tres Vertudes a Insinança das Damas*, CRISPIM, Maria de Lourdes (éd.), Lisboa, Editorial Caminho.
- RUAS, João (2002), *Biblioteca de D. Manuel II: impressos dos séculos XV e XVI*, Caxias, Fundação da Casa de Bragança.
- TARNOWSKI, Andrea (1995), «Autobiography and Advice in the *Livre des Trois Vertus*», en DULAC, Liliane y Bernard RIBÉMONT (éds.), *Une Femme de lettres au Moyen Age: études autour de Christine de Pizan*, Orléans, Paradigme, pp. 151-160.
- SOUSA, Sara Rodrigues de (2005), *A construção da autoridade na obra de Christine de Pizan*, dissertação de mestrado policopiada apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- (no prelo), «Christine de Pizan, *femme savante?*» en *Actes du Colloque international «Christine de Pizan, une femme de science, une femme de lettres» (Liège, 11 a 15 de Janeiro de 2005)*.
- (no prelo), «Subversão e legitimação: o comentário como modelo da *Epistre Othea*, de Christine de Pizan», en *Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval (Porto, 20 a 23 de Outubro de 2005)*.
- WILLARD, Charity Cannon (1963), «A Portuguese Translation of Christine de Pizan's *Livre des Trois Vertus*», *PMLA*, 5, pp. 459-464.
- (1989), «Introduction», en PISAN, Christine de, *Le Livre des Trois Vertus*, WILLARD, Charity Cannon y Eric HICKS (éds.) Paris, Honoré Champion, pp. xii-xxvi.
- ZUMTHOR, Paul (1975), «Autobiographie au Moyen Age?», en *Langue, texte, énigme*, Paris, Editions du Seuil, pp. 165-180.